



**UNIJUI – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL**

DHE – DEPARTAMENTO DE HUMANIDADE E EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

**O BRINCAR NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA**

SUZANE TATIANE KENSY SOMMER

Orientador (a): Lídia Inês Allebrandt

IJUÍ

2014.

SUZANE TATIANE KENSY SOMMER

**O BRINCAR NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA**

Monografia apresentada pela acadêmica **Suzane Tatiane Kensy Sommer** como exigência do curso de graduação em **Pedagogia** da **Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijui** sob a orientação da professora Lídia Inês Allebrandt.

IJUÍ

2014.

**O BRINCAR NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA**

Suzane Tatiane Kensy Sommer

Aprovada em 05/12/2014.

BANCA EXAMINADORA

Lídia Inês Allebrandt

Mestre em Educação UFSC

Iselda Teresinha Sausen Feil

Mestre em Educação UFSM

CONCEITO FINAL: _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me proporcionou esta oportunidade, amigo sempre presente, sem o qual nada teria conseguido.

Aos meus pais, marido, irmão, sogros e amigos que sempre incentivaram meus sonhos e estiveram sempre ao meu lado.

Aos meus colegas de classe e demais formandos pela amizade e companheirismo que recebi.

A todos os professores que me acompanharam nesta trajetória, pelo carinho e compreensão dispensados.

À Professora Lídia Inês Allebrandt, que me acompanhou, transmitindo-me tranquilidade e disposição.

RESUMO

Podemos dizer que a infância e a Educação Infantil estão entrelaçadas, pois uma leva a pensar a outra. A modalidade de educação infantil é a primeira etapa do processo de aprendizagem e de constituição do ser humano como um ser social em instituição pública ou particular. O ato de brincar é o momento essencial em que toda criança se cria e se recria para a vida. Ato capaz de determinar o futuro adulto em que ela vai se tornar. Por meio da brincadeira, a criança exercita capacidades nascentes, como as de representar o mundo e distinguir entre pessoas, possibilitadas especialmente pelos jogos de faz de conta e os de alternância. Ao brincar, a criança passa a compreender as características dos objetos, seu funcionamento, os elementos da natureza e os acontecimentos sociais. Ao mesmo tempo, ao tomar papel do outro na brincadeira, começa a perceber as diferentes perspectivas de uma situação, o que lhe facilita a elaboração do diálogo interior característico de seu pensamento verbal. A brincadeira permite a construção de novas possibilidades de ação e formas inéditas de arranjar os elementos do ambiente. Nesta perspectiva, nosso objetivo geral é argumentar em favor do direito de brincar da criança, desde a creche, porque este é essencial na sua vida, devido à sua importância no processo de aprendizagem e desenvolvimento integral do sujeito infantil. Portanto, com esta pesquisa monográfica buscamos relatar uma experiência, compreender e aprofundar conhecimentos sobre o brincar na infância e sua relação com a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

Palavras chaves: Infância; Brincar; Desenvolvimento infantil; Aprendizagem.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1. BREVE HISTÓRIA DA INFÂNCIA	12
2. ESCOLAS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL	15
2.1 Os espaços escolares	15
2.2 A organização da escola referente aos espaços para o brincar.....	16
3. O BRINCAR NA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	19
3.1 O brincar e suas fases.....	19
3.2 O brincar e a linguagem	20
3.3 Desenvolvimento e aprendizagem	22
4. RELATO DE MINHA EXPERIÊNCIA COMO EDUCADORA DE BEBÊS	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é pensar sobre a Educação Infantil, mais especificamente a respeito do brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil, pois constatamos que ainda hoje, apesar das orientações teóricas e metodológicas que pautam os discursos sobre este tempo de formação humana, as crianças de educação infantil, independentemente do nível que se encontram, desde o maternal I até a pré-escola, não estão mais encontrando tempo para brincar durante as suas atividades escolares, devido à preocupação excessiva em ensinar “letras e números”.

No entanto, nossa experiência comprova que brincar é desejado pela criança e possível de ser incentivado desde a creche. Nesta perspectiva, nosso objetivo geral é argumentar em favor do direito de brincar da criança, desde a creche, porque este é essencial na sua vida, devido à sua importância no processo de aprendizagem e desenvolvimento integral do sujeito infantil. Portanto, com esta pesquisa monográfica buscamos relatar uma experiência, compreender e aprofundar conhecimentos sobre o brincar na infância e sua relação com a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

O desejo de pesquisar sobre este tema nasceu da experiência pessoal, do conhecimento teórico sobre o mesmo e do fato de saber que na escola de educação infantil o tempo do brincar está diminuindo. Preocupadas com este fato e sabedoras da sua importância na constituição infantil, decidimos investigar: se a escola está possibilitando tempo ao brincar; se a escola está organizada em termos de espaços dedicado para o brincar? Queremos saber também: Como se dá a relação entre o brincar, a aprendizagem e o desenvolvimento? Que linguagens são essas a do brincar? De que brincam espontaneamente as crianças? Como brincam no coletivo? Como brincam sozinhas? Enfim vamos falar sobre o brincar e a metodologia lúdica nos processos de ensino e de aprendizagem na educação infantil, evidenciando práticas e analisando-as.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi necessário realizar pesquisa bibliográfica, que proporcionou aprofundar conhecimentos sobre os temas abordados. Para tanto, buscamos referências, tanto na legislação brasileira, quanto em autores, tais como: Vigotski, Philippe Gutton, Tizuko Morchida Kishimoto, Freud, dentre outros. E,

como temos experiência em educação infantil, principalmente de zero a dois anos, usamos relatos da experiência pessoal com crianças de berçário. E, para efeitos de análise, comparamos a prática com as teorias e refletimos a respeito do lúdico na aprendizagem e no desenvolvimento infantil, sua importância e contribuição no processo de aprendizagem das crianças e na construção de conhecimentos.

Para Kramer (1984, p. 244), “Falar de infância significa considerar a criança como um ser social, sujeito de sua própria história e produtora de cultura.” O que nos remete à ideia de que ao brincar a criança se apropria da tradição cultural, bem como a recria e inova, considerando sua capacidade de inventar e o contexto onde vive. E, como todo ser humano, a criança é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar, que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura. Ela tem na família, um ponto de referência, para a construção do seu próprio eu. Nela, a criança aprende valores, costumes, crenças, a linguagem desta comunidade e recebe seus afetos. Também na escola de educação infantil vive situações de convívio e aprendizagens nas áreas afetivas, cognitivas, motoras e sociais.

Podemos dizer que a infância e a Educação Infantil estão entrelaçadas, pois uma leva a pensar a outra. A modalidade de educação infantil é a primeira etapa do processo de aprendizagem e de constituição do ser humano como um ser social em instituição pública ou particular. De acordo com a Lei 9394/96:

A educação infantil deve ser oferecida em creches para as crianças de 0 a 3 anos, e em pré-escolas para as crianças de 4 e 5 anos. Porém ela não é obrigatória. Dessa forma, a implantação de Centros de Educação Infantil é facultativa, e de responsabilidade dos municípios. Diferente dos demais níveis da educação, a educação infantil não tem currículo formal. (...) A ênfase da educação infantil é ESTIMULAR as diferentes áreas de desenvolvimento da criança, aguçar sua curiosidade, sendo que, para isso, é imprescindível que a criança esteja feliz no espaço escolar. (LDB Lei 9394/96).

Nela o brincar assume papel preponderante, pois por meio dele inserem-se importantes funções, capazes de propiciar à criança aprendizagens que interferem no desenvolvimento e na interação como meio. O brincar é uma característica do comportamento infantil, visto que a criança dedica a maior parte de seu tempo a ele. À medida que brinca, a criança vai se apropriando de suas potencialidades, construindo interiormente o seu mundo. Aprende a agir, sua curiosidade é estimulada, adquire iniciativa e autoconfiança, proporcionando seu desenvolvimento. Por isso o brincar é considerado um dos meios mais propícios à construção do conhecimento.

O espaço escolar é diferente em cada cultura e diz respeito não só nas relações e contatos pessoais, comunicação e conflitos de poder, mas também aos rituais, à simbologia da localização de objetos e de corpos. Toda e qualquer atividade humana precisa de um espaço e tempo determinado, e isso acontece também com a educação. As crianças precisam deste tempo e espaços para se comunicar pelas brincadeiras, e se constituírem sujeitos investigativos e criativos.

A escola é um dos espaços em que as crianças passam a maior parte do seu tempo, e nós, educadores, intencionamos oportunizar a elas momentos para brincar, pois a escola é lugar e tempo, sim, de viver momentos de ludicidade. Acreditamos que a infância constitui uma etapa peculiar do desenvolvimento humano, uma vez que apresenta influência notória sobre as demais e que, dessa forma, precisa ser assistida por meio de uma proposta pedagógica comprometida com a formação integral dos sujeitos.

O ato de brincar é o momento essencial em que toda criança se cria e se recria para a vida. Ato capaz de determinar o futuro adulto em que ela vai se tornar. Por meio da brincadeira, a criança exercita capacidades nascentes, como as de representar o mundo e distinguir entre pessoas, possibilitadas especialmente pelos jogos de faz de conta e os de alternância. Ao brincar, a criança passa a compreender as características dos objetos, seu funcionamento, os elementos da natureza e os acontecimentos sociais. Ao mesmo tempo, ao tomar papel do outro na brincadeira, começa a perceber as diferentes perspectivas de uma situação, o que lhe facilita a elaboração do diálogo interior característico de seu pensamento verbal. A brincadeira permite a construção de novas possibilidades de ação e formas inéditas de arranjar os elementos do ambiente.

Kishimoto (2002) em seus estudos sobre teorias do brincar, nos diz que a criança quando brinca, inventa mundos e o seu mundo muito pessoal. Este novo ser, este novo mundo, de uma nova pessoa em crescimento físico, afetivo e intelectual, precisa ser preservado e respeitado pelos adultos. As brincadeiras são universais, estão na história da humanidade ao longo dos tempos, fazem parte da cultura de um país, de um povo. Há também diferenças nos jogos, brincadeiras e brinquedos ao longo da história, no interior das culturas e entre as classes sociais. Assim, pode-se dizer que o brincar, ao mesmo tempo, expressa aquilo que há de universal e permanente na infância humana e as peculiaridades de uma determinada cultura ou grupo social. Nas brincadeiras

tradicionais, a criança entra em contato com experiências passadas, que fazem parte da história da cultura em que vive.

Dessa forma, brincando sem estar exercendo funções adultas, a criança elabora sentimentos, fantasias, angústias, medos, aprende a se relacionar com o mundo a se apropriar da história do grupo social do qual faz parte e da história da humanidade.

Portanto, com esta pesquisa monográfica buscamos compreender e aprofundar conhecimentos sobre o brincar na infância e sua relação com a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

1. BREVE HISTÓRIA DA INFÂNCIA

Ao longo dos séculos, cresce o esforço pelo reconhecimento da criança, em várias áreas, em particular na história social da criança. Sabemos que as visões sobre a infância são construídas social e historicamente, a inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas da organização social.

O conceito ou a ideia que se tem em relação à infância foi sendo historicamente construído, uma vez que a criança, por muito tempo, não era vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, mas vista como um adulto em miniatura, como nos esclarece Ariès (1986). Portanto, a história da infância surge como possibilidade de refletirmos sobre a forma de como entendemos e nos relacionamos atualmente com as crianças em diferentes contextos.

De acordo com cada período histórico (Ariès, 1986), a infância passou a ser vista com olhares diferentes em todos os sentidos, nos aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos. Em uma sociedade tradicional não havia separação entre o mundo infantil e o mundo dos adultos. As crianças eram tratadas como adultos em miniatura, desde a sua maneira de vestir-se, até na participação ativa em reuniões, festas e danças. Os adultos se relacionavam com as mesmas sem discriminações, falavam vulgaridades, realizavam brincadeiras grosseiras, todos os tipos de assuntos eram discutidos na sua frente, inclusive a participação em jogos sexuais. Isto ocorria porque não acreditavam na possibilidade da existência da inocência, ou que existissem diferenças de características entre adultos e crianças.

As mesmas também eram vistas como seres produtivos e que a partir dos sete anos de idade já podiam exercer uma função utilitária para a sociedade, podendo ajudar na economia da família, realizando tarefas, acompanhando seus pais em seus ofícios, assim, cumprindo seu papel perante a coletividade. Nestes tempos não existia o sentimento de amor materno, pois as famílias eram sociais e não sentimentais. Outra característica da época era uma frequente taxa de mortalidade infantil, sendo que as crianças eram entregues para outras famílias cuidarem e educarem, e se a criança sobrevivesse retornaria para sua legítima casa aos sete anos de idade, pois nesta idade,

já estaria apta para ser inserida na vida da família e no trabalho, como mencionado acima.

A partir do século XVII, com a interferência dos poderes públicos e com a preocupação da igreja em relação a não aceitar essas situações que estavam acontecendo, um sentimento em relação à infância começa a “brotar”, dando lugar, finalmente, a um sentimento de união mais forte entre pais e filhos.

Com a evolução nas relações sociais que se estabeleceram na Idade Moderna, a criança passa a ter um papel central nas preocupações da família e da sociedade. A nova percepção e organização social fizeram com que os laços entre adultos e crianças, pais e filhos, fossem fortalecidos. A partir deste momento, a criança começa a ser vista como indivíduo social, dentro da coletividade, e a família tem grande preocupação com sua saúde e sua educação. Tais elementos são fatores imprescindíveis para a mudança de toda a relação social.

No século XIX, as mudanças começam a tomar forma, e, através dos tempos, a sociedade passou por transformações culturais. Emergiram outros sentimentos em relação à infância. A partir do século XX, as mudanças sociais, econômicas, políticas e comportamentais da sociedade se refletem na criação dos filhos. Até então a educação da primeira infância era delegada à mãe. Com toda a transformação social, a escola demanda uma pedagogia específica, só a família não é mais suficiente neste período de formação. A escola passa a ser um veículo para o aprendizado da vida em sociedade e não só transferência de conhecimentos. A liberalização da educação familiar faz com que a família transfira para a escola o aprendizado da vida em sociedade.

Atualmente a sociedade brasileira conta com várias leis que falam sobre a infância como direito, dentre elas citamos: a Constituição Brasileira de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)¹, e, segundo este (1990), em seus artigos 3º e 4º,

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e

¹ No dia 13 de julho de 1990 foi promulgada a lei 8069 que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Neste, o objeto é a criança e o adolescente enquanto sujeitos de direitos. Inaugura-se uma nova identidade social categorizada como crianças e adolescentes.

Fontes: BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 05.10.1988.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2008000100007&script=sci_arttext

facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Para um mundo em constante mudança a educação precisa se preparar para tal. O processo educativo deve possibilitar o aprendizado da vida em comunidade, deve formar o indivíduo para que ele assuma os valores e ideais da democracia social, bem como para ocupar nela o seu lugar.

2. ESCOLAS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 Os espaços escolares

Assim como a criança é vista de forma diferente, as escolas de Educação Infantil também têm seus diferenciais, pois, têm como intencionalidade tornar acessíveis a todas as crianças que a frequentam elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Oliveira et al (1996) em seus estudos sobre a creche trazem importantes contribuições, as quais vamos trazer ao longo deste capítulo. Destacam a que uma das funções é cumprir um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação. Também podendo oferecer condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar que as aprendizagens de natureza diversas ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu Artigo 29 (1996),

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (p. 12)

A autora acima citada afirma que uma escola provedora de desenvolvimento integral da criança é um lugar de fonte de conhecimento e educação, tanto formal como informal. É neste ambiente que as crianças aprendem a interagir com outros sujeitos e a respeitar o próximo, bem como a desenvolver suas próprias habilidades. Razão pela qual, a escola deve ser um espaço no qual a criança se sinta à vontade, amada, respeitada e de aprendizagens, onde brinque, aprenda e se desenvolva. Lugar onde os professores conciliem objetivos pedagógicos em relação aos conhecimentos com os desejos, necessidades e potencialidades dos educandos. Pensar a escola de educação infantil como espaço de brincar e conhecer nos leva à necessária criação de situações organizadas pelas educadoras para que as crianças brincando aprendam e desenvolvam potencialidades por meio do ludismo.

Oliveira et al (1996) afirma que para esta faixa etária, uma escola ludicamente inspirada é aquela em que as características do brincar estão presentes, influenciando no modo de ser do professor e no papel da criança. É aquela escola que assume o brincar como uma atividade livre, criativa, imprevisível, capaz de absorver a criança que brinca, não estando centrada na produtividade (realização de várias atividades em um único dia). Pois, o brincar desenvolve a imaginação e a criatividade da criança, ainda, desenvolve os mecanismos indispensáveis à aprendizagem em geral, oportuniza o desenvolvimento intelectual e afetivo por meio da ação e da imaginação. Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza nas experiências nas instituições escolares, sejam elas voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta. Com relação ao espaço discorreremos a seguir.

2.2 A organização da escola referente aos espaços para o brincar

O primeiro espaço na escola a estar adequado para as crianças brincarem é a própria sala de aula, porque a arrumação desse espaço é um indicador de possibilidades de exercícios das atividades lúdicas, mas da atividade em geral permitida, salas muito arrumadas nos remete que as crianças não brincam, salas muito desarrumadas indicam que os educandos não estão sendo orientados para arrumar depois de brincarem, esta questão de organização o educador pode e deve instruir seus alunos desde pequenos a fazerem.

Segundo Salles (2012, p. 35):

É importante ter sempre em vista que a organização do ambiente educativo reflete as crenças e as concepções que norteiam o trabalho da IEI. Nesse sentido, para atender às necessidades da criança e à diversidade do currículo na Educação Infantil é imprescindível a organização de espaços internos e externos que permitam as vivências corporais, a imaginação, o desenvolvimento do brincar, das demais linguagens, o contato com a natureza, a vivência de práticas sociais de cuidado e autocuidado, a apropriação e produção de conhecimentos e a ampliação de seu universo cultural. Esses espaços devem ser dotados de uma variedade de materiais disponíveis e de fácil acesso às crianças, que permitam suas escolhas e instiguem sua curiosidade.

Outro aspecto importante que cabe mencionar é em relação ao arranjo espacial das salas, se é ou não um espaço favorável ao desenvolvimento das atividades lúdicas. Este deve ser um espaço amplo sem mobiliários no meio do caminho, pois o correto é mantê-los encostados na parede e manter o centro da sala vazio para valorizar o espaço de brincar, assim diminuindo as chances de as crianças se machucarem e, com isso melhorar a desenvoltura das brincadeiras, também deve partir do educador delimitar o espaço que a criança possa “transitar” enquanto brinca.

Um ponto importante que nos cabe salientar é referente aos brinquedos que muitas vezes se tornam perversos na sala de aula, quero dizer com isto, que ele está perto, mas, ao mesmo tempo está longe. É o que se vê em muitas salas de aula cuja visualidade lúdica é excessiva, pois esta conduta dos educadores distancia as crianças do brincar. Devido às mesmas não terem acesso a esses brinquedos. Estes materiais devem sempre estar ao alcance dos educandos, o professor/educador apenas deve orientar os alunos sobre os momentos em que podem manuseá-los. Kishimoto (1993) diz que devido à capacidade simbólica e às características de sua inteligência, as crianças precisam interagir fisicamente com os objetos para transformá-los em brinquedo.

Os espaços do brincar não devem estar restritos à sala de aula, deve ter outros espaços que a criança possa frequentar, por exemplo: salas de recreação/brinquedoteca, parquinho, entre outros. Salas de recreação ou brinquedoteca deve ser organizada de forma diferente ao da sala de aula e com outros tipos de brinquedos: quebra cabeça, carrinho de boneca, fantoches, lego, cavalinhos, entre muitas outras variedades.

A brinquedoteca escolar deve ser um espaço interessante e convidativo para a criança brincar, favorecendo para seu desenvolvimento, dispondo de brinquedos para todas as faixas etárias presentes na escola. Deve ser um espaço para a criança brincar livremente pelo tempo que ela quiser, onde ela possa se sentir respeitada e que possa manusear os brinquedos sem medo e também trabalhar seus movimentos que se faz tão necessário na educação infantil.

Este espaço deve ter como objetivo de deixar a criança brincar tranquila, sem cobranças dos educadores, e deve ter um tempo mínimo para que ela consiga aproveitar o seu tempo ali, já que na maioria das vezes passa mais dentro da sua própria sala.

A criança tem o direito de desfrutar de um espaço físico para explorar, experimentar e se interessar pelo mundo externo. Por isso, um espaço bem organizado

no *playground* oferece muito mais que entretenimento. Introduzir objetos e ações lúdicas ao espaço pode ajudar a desenvolver diferentes habilidades e aprendizagens e a ampliar a rede de significados da criança.

O “parquinho” deve ser um espaço que permita a criança se sentir livre, porém sempre acompanhados de um adulto para garantir a segurança das mesmas. Este espaço proporciona nas crianças desenvolvimentos cognitivos, sociais e principalmente motores.

Salles (2012, p. 35), complementa que:

Nos espaços externos, é muito importante que as crianças tenham contato com os diversos elementos da natureza, podendo observá-los e transformá-los. Além disso, esses espaços devem possibilitar que elas corram, pulem, subam, desçam, escorreguem se escondam e desenvolvam jogos coletivos.

É válido lembrar que as pracinhas das escolas devem ter uma manutenção periódica nos brinquedos para que as crianças não se machuquem enquanto brincam; igualmente nos espaços internos, além de receberem uma higienização adequada.

Portanto, é necessário que o professor/educador insira o brincar em um projeto educativo, o que supõe intencionalidade, ou seja, tenha claro seus objetivos e a consciência da importância de sua ação em relação ao desenvolvimento e à aprendizagem infantil, nos diferentes espaços que as escolas oferecem.

3. O BRINCAR NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

3.1 O brincar e suas fases

Desde o nascimento o bebê está em constante interação com os adultos, que não só asseguram sua sobrevivência, mas também mediam a sua relação com o mundo. Como a criança não tem condições de percorrer sozinha todo o caminho do aprendizado, é fundamental a intervenção de outras pessoas para a promoção do seu desenvolvimento.

O desenvolvimento do ser humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vivem, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social, imediato por outras pessoas do grupo cultural, que indica, delimita e atribui significados à realidade.

Segundo Freud (1996), a infância está dividida em três fases importantes, sendo elas: fase oral, fase anal, fase fálica.

Na fase oral, a estrutura sensorial mais desenvolvida é a boca, é pela boca que começara a provar e conhecer o mundo. É pela boca que fará sua primeira e mais importante descoberta afetiva: o seio materno. O seio é primeiro objeto de ligação infantil, ao depositário de seus primeiros amores e ódios.

Neste momento, a libido está organizada em torno da zona oral, tudo o que a criança pega é levado à boca, percebe-se que além da necessidade física de alimentação, a criança sente um grande prazer no ato de mamar. Mesmo depois de satisfeita ela continua a sugar a chupeta. Quando dorme, faz movimentos de sucção aparentando um grande prazer. Este vínculo inicial de prazer em si, independe da sobrevivência física, constituirá a base das futuras ligações afetivas.

A fase anal está relacionada com a retirada das fraldas, o sentimento que a criança tem é o de estar presenteando os pais e o mundo com algo produzido por ela (fezes). O período é denominado anal, porque a libido passa a organizar-se sobre a zona

erógena anal. A fantasia básica será ligada aos primeiros produtos, notadamente ao valor simbólico das fezes.

A fase fálica ocorre por volta dos três anos de idade, período em que a erotização passa ser dirigida para os genitais, por isso a criança desenvolve seu interesse por eles. Começa a notar as diferenças sexuais entre meninos e meninas. O menino vê na mãe seu objeto de atração.

Nesta fase a zona de erotização é o órgão sexual, focalizando o prazer nas genitálias. É quando as crianças começam a adquirir consciência das diferenças corporais sexuais. O menino desperta um interesse pelo próprio pênis em contraposição à descoberta da ausência de pênis na menina.

Podemos observar que as pulsões sexuais não se realizam por inteiro, uma vez que a organização sexual é parcial, isto é, a erotização ou está voltada para a boca (fase oral), para o ânus (fase anal) ou para o pênis (fase fálica), sem, contudo significar uma realização sexual genitализada.

Para Freud, é durante a fase de 0 a 3 anos que a criança deve ser mais estimulada, pois tudo o que lhe for ensinado será, de certa forma, um aprendizado. Nesse sentido, a educação assume papel importante nos processos de aprendizagem da criança, por isso nós educadores temos que estimular o brincar na educação infantil.

3.2 O brincar e a linguagem

O ato de brincar contribui para a aprendizagem da linguagem. A utilização combinatória da linguagem funciona como instrumento de pensamento e ação. Para saber falar sobre o mundo, a criança precisa brincar com o mundo com a mesma desenvoltura que caracteriza a ação lúdica. Os estudos contribuíram para percebermos que uma das primeiras formas de linguagem de uma criança é o brincar, em seguida, o desenho e, após a escrita.

O brincar é uma estrutura simbólica cuja inscrição no tempo e no espaço faz com que seja a forma privilegiada de linguagem na criança. O brincar possui a estrutura do diálogo se inscrevendo no processo de distanciamento que evolui.

Na opinião de Gutton (2013, p. 222):

O ato de brincar se apresenta como estrutura semântica apropriada pela criança e introduzida em um universo cuja estabilidade a protege, assim ela pode expressar seus desejos aqueles que a cercam. Sendo assim, o brincar é uma linguagem que é acompanhada de linguagem.

O autor acima citado afirma que a linguagem ocupa um papel central possibilitando: intercâmbio entre os indivíduos, a abstração e a generalização do pensamento, a simplificação e a generalização da experiência. A seguir evidenciamos como ela se manifesta na vida da criança.

A linguagem em forma de atividades gráficas se manifesta a partir dos doze meses de vida. A qual é iniciada com rabiscos, que é condicionada unicamente pela evolução psicomotora, pois o ato de desenhar necessita de coordenação motora. Com o tempo esses traços vão tomando forma conforme o desenvolvimento da criança.

Com o passar do tempo, a criança irá tomar como forma de linguagem a construção da linguagem escrita, que não irá se restringir em apenas uma atividade motora, pois vai além do conhecimento das letras, envolve todo o sistema de representação simbólica da realidade.

Para Vigotski (2009) a importância da linguagem na formação da criança, pensamento e linguagem andam juntos, diz que é um processo ativo que primeiro a fala é externa, depois interiorizada. A palavra dá forma ao pensamento da criança, diz ainda que é a vida social que permite o processo de formação do pensamento. A linguagem intervém no processo de desenvolvimento intelectual da criança já desde o seu nascimento.

Vigotski também nos ensina que a relação entre os indivíduos se dá através da linguagem, que além de possibilitar a inter-relação entre os sujeitos constrói capacidades de abstrair e organizar o modo de pensar. Para ele, a linguagem é um instrumento do pensamento, supondo a internalização da linguagem, que ocorre de forma gradual e contínua.

3.3 Desenvolvimento e aprendizagem

Para Vigotski (1994), o brincar também tem suas etapas de desenvolvimento. A criança começa a brincar sozinha, manipulando objetos. Posteriormente, irá procurar companheiros para as brincadeiras paralelas (cada um com seu brinquedo). A partir daí, desenvolverá o conceito de grupo e descobrirá os prazeres e frustrações de brincar com os outros, crescendo emocionalmente. Sua sociabilidade se desenvolve, ela faz amigos, aprende a compartilhar e a respeitar o direito dos outros e as normas estabelecidas pelo grupo, e a envolver-se nas atividades pelo prazer de participar. Brincando, a criança estará buscando sentido para sua vida. Sua saúde física, emocional e intelectual depende, em grande parte, dessa atividade lúdica.

A relação entre a brincadeira e o desenvolvimento deve ser comparada com a relação entre a instrução e o desenvolvimento. Por trás da brincadeira estão as alterações das necessidades e as alterações de caráter mais geral da consciência. A ação num campo imaginário, numa situação imaginária, a criação de uma intenção voluntária, a formação de um plano de vida. A criança aprende a ter consciência de suas próprias ações, a ter consciência de que cada objeto tem um significado.

Do ponto de vista do desenvolvimento, a criação de uma situação imaginária pode ser analisada como um caminho para o desenvolvimento do pensamento abstrato; a regra que se liga a isso nos parece levar ao desenvolvimento de ações da criança com base nas quais torna-se possível, em geral, a separação entre a brincadeira e os afazeres cotidianos, com a qual nos deparamos na idade escolar.

De maneira breve, colocaremos mais alguns pontos de pensamentos de Vigotski, que nos ensinou muito nesta trajetória de pesquisa sobre a relação entre o brincar, o desenvolvimento e o aprender. Estudos realizados por Vigotski (1994) indicam que as teorias que relacionam o desenvolvimento e a aprendizagem dividem-se basicamente em três grupos:

Faz parte do primeiro grupo aquelas que partem do pressuposto de que existe independência entre os processos de desenvolvimento e o processo de aprendizagem. Diz que, neste caso a aprendizagem seria um processo externo, que não participa

ativamente do desenvolvimento nem o modifica, mesmo sendo processos paralelos. Nessa perspectiva, a aprendizagem seria uma superestrutura do desenvolvimento e, essencialmente, não existiria intercâmbio entre ambos, já que o desenvolvimento precederia sempre a aprendizagem.

No segundo grupo de teorias se fundamenta basicamente que a aprendizagem é desenvolvimento, sendo uma teoria totalmente oposta à anterior. O autor supra citado sugere que há um desenvolvimento paralelo nos dois processos, diz de forma que a cada etapa da aprendizagem corresponde a uma etapa do desenvolvimento. Segundo ele, “O problema principal está em saber qual é o processo que precede e qual é o que segue, já que o princípio que nos rege é a simultaneidade e a sincronização entre ambos.” (VIGOTSKI,1994, p.24).

E, por fim, o terceiro grupo no qual Vigotski se situa.

O autor também observa que a criança apresenta em seu processo de desenvolvimento um nível que ele chamou de desenvolvimento real e o outro de desenvolvimento potencial. O nível de desenvolvimento real compreende os conhecimentos já alcançados pela criança, as coisas que ela consegue fazer sozinha, sem ajuda do outro. Já o nível de desenvolvimento potencial se refere à capacidade de a criança realizar uma tarefa com o auxílio de outros.

Vigotski parte da premissa que aprendizagem e desenvolvimento estão interligados desde o primeiro dia de vida da criança. Diz, ainda, que o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e segue atrás do processo de aprendizagem. Por outro lado, entende que um aspecto essencial do processo de aprendizagem se constitui em despertar inúmeros processos internos de desenvolvimento.

Segundo o autor acima citado (1994, p. 39), “O processo de aprendizagem cria a área de desenvolvimento potencial, o processo de desenvolvimento não coincide com o de aprendizagem, mas o segue.” Sendo assim, concluímos que as concepções de Vigotski nos permitiram entender que o papel do brincar é um elemento básico na vida da criança, já que impulsiona a aprendizagem e está interfere no desenvolvimento. Razão pela qual a escola de educação infantil não pode deixá-lo esquecido.

4. RELATO DE MINHA EXPERIÊNCIA COMO EDUCADORA DE BEBÊS

Primeiramente quero dizer que no ano de 2013 fui desafiada a trabalhar com crianças a partir dos quatro meses de vida; era tudo novidade, pois até o momento havia trabalhado apenas com crianças de dois aos quatro anos de idade. Ainda no ano de 2013, a EMEI na qual trabalho atendia apenas crianças de 0 a 2 anos, pois sua estrutura era pequena, havia apenas quatro salas, sendo duas de berçário I (0 a 1 ano e meio) e duas de berçário II (um ano e meio a dois anos de idade); comportava um refeitório, uma cozinha, sala da direção, um banheiro para as crianças (adequados para a faixa etária), um banheiro dos funcionários, lavanderia, almoxarifado, um pátio pequeno com algumas balanças e uma área coberta. Ao total a EMEI atendia aproximadamente 55 crianças, mas a procura por vagas era constante.

As observações foram realizadas com oito crianças da faixa etária de quatro meses a dois anos de idade. Coletamos cenas que giram em torno do brincar e, procuramos aquelas que possam contribuir para compreender e analisar as construções das crianças no ato de brincar. Por meio delas percebemos a necessidade da mediação e interação de um adulto com elas para a exploração de atividades lúdicas. Nesse aspecto, Heinkel (2000) nos faz compreender que a participação do adulto tem por objetivo estimular as potencialidades das crianças e disponibilizar diversos tipos de materiais para a exploração de diferentes atributos tais como: a textura, tamanho, forma, cores, etc., favorecendo a descoberta do mundo que as rodeia.

De acordo com Vigotski:

As características humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo nem são meros resultados das pressões do meio externo. Elas resultam da interação dialética do homem e o seu meio sociocultural. As relações psicológicas especificamente humanas se originam nas relações do indivíduo e seu contexto cultural e social. A aprendizagem e o desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida do indivíduo. (VIGOTSKI, 1989, p. 112).

Muitos eram os pais de primeira “viagem” e a insegurança de deixarem seus filhos com pessoas estranhas estava estampada no olhar, mas com diálogos, trocas de informações conseguíamos tranquilizá-los.

Iniciamos o ano com colegas já experientes no assunto em cuidar desses seres tão pequenos, elas foram instruindo desde a maneira de pegá-los com cuidado, como

segurá-los para dar a mamadeira, como posicioná-los para dormir. E, com o passar dos dias os medos foram sumindo e a confiança pessoal cresceu.

Constatei que as crianças pequenas estranham tudo o que é novidade para elas, pois trazem consigo algumas rotinas familiares. Logo, ao chegar à escola se deparam com outra, então há choros constantes nas primeiras semanas, principalmente por estarem reconhecendo as pessoas e o novo ambiente no qual vão permanecer por certo período de tempo. Assim como em casa, na escola também há rotinas. Inicialmente é a chegada dos bebês, em seguida o café, a higienização (troca de fraldas), depois momentos para atividades (brincar, cantar, passear, etc.), na sequência, o almoço, o soninho, a higienização, o lanche, as atividades, a janta (última refeição na escola), a higienização e a espera dos pais.

Curiosa, a criança de 0 a 2 anos explora o mundo com as mãos. E reagem a temperaturas, texturas, consistências e formas de tudo que toca. Se a descoberta causa mais desconforto do que prazer, ela costuma retirar a mão, levantar o pé ou cuspir a comida. Não é uma reação de nojo e, sim, um estranhamento. Nós educadoras estimulamos estes movimentos para que haja aperfeiçoamento diário. Trocar a posição do bebê deixá-lo na cama com alguns objetos, no tapete ou colchão no chão para que possa explorar o espaço, ainda, colocá-lo sentado com proteção no seu redor.

Com o passar dos meses esses pequeninos já estavam se segurando nos berços e/ou cadeiras para se levantarem e, alguns, já estavam caminhando por alguns serem mais velhos que outros.

Dentro da sala de aula as brincadeiras mais frequentes eram com bolas, com movimentos de rolar de um para o outro (educadora e bebê), de jogar para cima e tentar pegar com as mãos. Esta brincadeira permite à criança desenvolver melhor suas habilidades motoras finas e amplas e, também, desenvolver sua percepção de espaço e tempo. Outra atividade era a dança, para a exploração de movimentos com o corpo.

Como mencionei anteriormente, o pátio da escola é muito pequeno por isso, era disputado entre as turmas, pois não havia cronograma para desfrutá-lo melhor. Quando conseguíamos ir com os pequenos educando brincar na área coberta, passavam a maior parte do tempo nas balanças, porque havia poucos brinquedos, então, possibilitava aos “maiorzinhos” brincarem nos “cavalinhos” e/ou com bolas e bonecas. Os brinquedos eram praticamente os mesmos que havia em sala, porém em ambiente diferente.

Quando poucas crianças vinham para a escola aproveitávamos para passear, dando uma volta no quarteirão, colocávamos dois bebês em cada carrinho e saíamos

entre três educadoras. Durante o percurso, conversávamos com elas instigando a fala. Quando viam algum cachorro imediatamente emitiam o som “au-au” Para elas era um prazer sair um pouco do ambiente escolar, isso as deixava calmas.

Até o final do ano de 2013, praticamente todos já estavam caminhando, haviam desenvolvido algumas das coordenações motoras básicas antes ausentes.

Em fevereiro de 2014 deu-se início às atividades letivas e com apenas oito crianças como mencionado anteriormente, porém, em novo espaço físico. Notei que muitos pais ficaram felizes por continuar a “cuidar” de seus filhos, pois, assim, não estranhariam tanto a nova escola e as novas professoras. O prédio, com espaço mais amplo e aconchegante passou a atender quatro berçários e seis turmas de maternal I (crianças até três anos de idade). A experiência revela que no começo sempre passamos por um processo de adaptação, conhecendo o lugar e os sujeitos. As colegas sentiram certa dificuldade de aproximação com os bebês, pois já me conheciam e queriam ficar ao meu lado.

Para compreender a importância do brincar na aprendizagem e no desenvolvimento dos bebês até os dois anos de idade, farei breve relato sobre seus processos constitutivos no âmbito da escola de educação infantil, evidenciando algumas preferências, brincadeiras, jogos, desenvolvimento afetivo e motor, construção da linguagem, autonomia e formas de relacionamento no grupo. Para tanto, vou identificá-las com as letras iniciais de seus nomes e por ordem de idade do mais velho ao mais novo.

A.E – chegou à escola quando tinha apenas oito meses, já tinha uma motricidade um tanto avançada, já tentava se erguer nos móveis para caminhar, seu brinquedo preferido era a bola, gostava de jogá-la no chão para ver até onde ia, para poder engatinhar rapidamente e pegá-la. Também adorava ouvir música e ao som dela já se remexia empolgado. Como ainda era pequeno necessitava de ajuda para sua alimentação, porém já segurava sozinho sua mamadeira na hora do “titi”. Sua fala fora se desenvolvendo aos poucos, tentava balbuciar algumas palavras como “mamam, titi, au-au, tai-tai, entre outras”. Perto de completar um ano de idade começou a caminhar seu desenvolvimento era em ritmo acelerado, tanto que em poucos meses já conseguia correr e “trepas” nos berços e cadeiras da sala. Seu repertório vocabular também evoluiu rapidamente conseguindo pronunciar quase que corretamente algumas palavras. No início de 2014, ao retornar para a escola, agora um novo espaço e mais amplo, continuou a progredir no seu desenvolvimento, agora com dois anos voltou uma criança

ainda mais ativa e falante, atualmente fala de tudo, e agradece quando lhe pedimos algo. Como mencionado, sua brincadeira favorita era com bola, hoje já consegue chutar, até inventar novas situações para brincar, jogando-a dentro do berço como se fosse basquete, entra no berço para tirar e torna a jogar. Brinca de carrinhos colocando bonecas em cima para levar passear, monta lego, convida os colegas para brincar de “roda cutia”, canta músicas infantis inteiras como a da “borboletinha”, “elefante trombinha” e a “a dona aranha”. Quando saímos para passear fala o percurso inteiro, cumprimenta as pessoas da rua, puxa assunto com as pessoas paradas no pátio de suas casas, da tchau para os carros e ônibus que passam. É uma criança muito esperta.

T. - também entrou na escola quando tinha oito meses de vida, a história de sua família é um tanto triste, mas não cabe aqui relatar, porém sabe-se que influenciou em seu desenvolvimento. É uma menina carinhosa, esperta e querida. Sendo tão bebezinha já vinha para a escola de Van, e não estranhava ninguém, era um tanto “gulosa” quando enxergava alguma comida já balbuciava “mamam” e se não déssemos na hora começava a chorar. Engatinhava por toda a sala e, às vezes, tentava fugir quando nos esquecíamos de deixar o “portãozinho” na porta. Gostava de ouvir música e dançar seus CDs preferidos eram da Xuxa e Galinha Pintadinha. Gostava de brincar de carrinho (creio eu que pelo fato de ser uma das únicas meninas da sala), também gostava de jogar os brinquedos para cima para ver onde iriam cair, adorava passear e ir à balança, sendo ela uma das maiorzinha da turma deixávamos brincar na no chão da área coberta, mas tínhamos que estar sempre de olho porque tentava dar suas escapadinhas. Começou a caminhar dias antes de completar um ano de idade, e assim como o colega AE aprendeu a correr rapidinho, porém sua fala demorou um pouco a se desenvolver. No início deste ano 2014 retornou à escola ainda mais esperta e falante, hoje com dois anos ela é a única menina da turma que não precisa mais usar fraldas, mas inverte xixi e coco, quando diz que quer fazer xixi refere-se ao coco e assim vice e versa. Inventava suas brincadeiras pega um pote no meio de tantos brinquedos e diz que é “cheique (*milkshake*)” e ainda divide com os colegas um a um. É maravilhoso prestigiar esses momentos que há entre os educandos, também gosta de brincar de boneca, procura uma coberta para enrolar as bonecas e as leva para passear (claro que dentro da sala), quando os momentos são de brincar com a bola não gosta de dividir com os colegas e fica segurando em suas mãos e sai correndo para ninguém pegar, somente depois de dialogar com a mesma joga com os demais. Ao sair para brincar no pátio delimitamos os espaços em função de ser grande número de crianças (ao total de 18 para três educadoras). T.

quer explorar o espaço e não se concentra nas atividades propostas para o momento, a cada pouco temos que sair correndo atrás dela e trazê-la de volta para o lugar onde estamos. Isso acaba dispersando o restante da turma. Ao terminar nossas brincadeiras dirigidas (ex: roda cutia, bola) oportunizamos que correram no pátio. Nos dias atuais, esta criança tem um vocabulário um tanto desenvolvido, usa palavras em momentos certos conhecendo o momento certo de usá-lo. Isso ocorre devido a mesma observar o mundo dos adultos que a cercam, e não que ela saiba o momento certo de falar.

M.A- foi um bebê calmo, vivia quieto no seu mundinho. Também gostava de ouvir música e expressava-se bem corporalmente, adorava brincar com chocalhos e ouvia atentamente o som que sai do brinquedo, não gostava de ir ao balanço sentia medo, ao embalar agarrava-se com força nas cordas com medo de cair e grelava os olhos, então o tirávamos dali e o deixávamos brincar no chão, o qual ia engatinhando rapidamente para os cavalinhos ou para a piscina de brinquedos. Começou a andar com um ano de três meses de idade, sua fala também demorou para se desenvolver. Hoje, com dois anos, é uma criança muito conversadora, e, quando chamamos sua atenção, retruca com cara de bravo. É uma criança esperta e educada, gosta de ajudar as educadoras na hora de encher os copos dos colegas e entregar nas mãos dos mesmos. Sempre, após as brincadeiras com brinquedos, pega o balde e incentiva os colegas a juntarem e fica bravo quando alguém não quer ajudar. Canta várias músicas por inteiro e faz os gestos e caretas conforme a letra.

T.L- uma criança muito calma, não gostava muito de sair do lugar que estava, pegava brinquedos apenas quando dávamos em sua mão. Após muitos meses de estímulos desenvolveu algumas habilidades motoras como: sair do lugar para buscar o brinquedo que queria. Não se expressava com músicas e no balanço tentava se deitar. Mas, nos dias de hoje, é outra criança, é ativa, engraçada, porém sua fala ainda está em processo de desenvolvimentos apesar de já ter dois anos e três meses. Conhecendo um pouco da família sabemos que os mesmos não incentivam a fala, pois também não são muito conversadores. Gosta de brincar de carrinho e se esconde debaixo da cama para nenhum colega pegar seus brinquedos, ao som da música remexe seu corpo de um jeitinho tão fofo. Gosta de fazer de conta que é o “lobo mau” e sai de traz de seus colegas rugindo como tal e o engraçado é que muitos ainda se assustam. Ultimamente têm faltado bastante na escola por motivos de doenças na família. Quando retorna não estranha o ambiente e faz suas brincadeiras engraçadas com os colegas.

D. - era um bebê que não se movimentava muito, também tivemos um trabalho de instigá-lo a sair do lugar e pegar os brinquedos, pois queria apenas ficar deitado com um brinquedo de morder ou que dava algum tipo de som. Após muito incentivo, passou a rastejar pelo chão da sala, e, com o tempo, começou a tentar se levantar nos móveis. Demorou a caminhar, e até nos dias de hoje, já com dois anos de idade, sua fala está em processo de desenvolvimento. Porém, nas brincadeiras, tem uma excelente participação, gosta muito de brincar de carrinho fazendo sons, jogar bola sozinho e, também, gosta de dançar fazendo gestos. Teve um desenvolvimento significativo, pois tinha um leve problema para conseguir firmar as pernas, e agora corre por tudo.

V. L - desde o começo demonstrou ser uma criança que sempre está alegre, gostava de ficar brincado no chão e não se apertava quando queria algum brinquedo, sempre corria atrás da maneira que fosse. Gostava de brinquedos mais moles que pudesse colocar na boca devido seus dentes sempre incomodarem. Adorava ficar nos balanços e chorava na hora de sair. Começou a caminhar depois de um ano de idade, e aos poucos está pronunciando algumas palavras. Agora com um ano e onze meses, gosta de brincar com animais de plástico imitando os sons dos mesmos, de brincar com o “gol” (bola), dando gargalhadas ao chutar a bola e ainda dizendo “gol”, uma fofura. Também é organizado, após as brincadeiras ajuda recolher os brinquedos e guardar no devido lugar.

B. G - posso dizer que é uma criança “preguiçosa”, pois não segura a mamadeira na hora de tomar o leite, não segura com firmeza os brinquedos, e quer somente ficar no colo ou sentada no carrinho. Quando colocada no chão não tenta sair do lugar mesmo chamando-a. No balanço tínhamos que tomar muito cuidado, pois a mesma escorregava para baixo tentando se deitar. O trabalho de incentivá-la foi longo, devido a seus familiares não ter esse cuidado e passar a maior parte do tempo com o bebê (menino) no colo. Começou a caminhar com um ano três meses, e ainda nos dias atuais não tem firmeza para andar, quando tenta ir mais rápido logo cai e qualquer obstáculo tropeça. Suas brincadeiras, na maior parte o tempo, acontecem na posição sentada ou deitada no chão, onde brinca de carrinho com qualquer brinquedo ou objeto imaginário. Sente medo ao cantarmos a música da “dona aranha”, sua fala está em processo de construção, mas sempre diz “papão”. Minhas colegas e eu conversamos com a mãe a respeito, mas não obtivemos respostas plausíveis, a mesma diz que ele aprendeu na escola. Isso é um dilema, mas não vamos entrar nesses detalhes, o foco é outro. O B.G está em processo

de desenvolvimento e se a família começar a incentivar também em casa, poderá progredir principalmente no que se refere à motricidade ampla.

J.V – é um doce de menino sempre ativo e disposto, mesmo com alguns meses de vida, tentava ficar em pé no berço e ficava pulando. Sempre gostou de brincar com animaizinhos de borracha e/ou plástico. Demorou um pouco para caminhar, mas engatinhava correndo, adorava “trepar” nos carrinhos e nas cadeiras levamos cada susto. Na hora de brincar com a bola era um dos primeiros a tentar pegar, mas como também era o mais pequeno chegava um pouco depois dos outros. Hoje em dia desenvolveu uma habilidade motora que nos surpreendeu, corre por todos os lados, sua fala está em construção. Fala algumas palavras, mas temos que prestar atenção para compreender o que quer nos dizer. Ainda sua brincadeira favorita é a bola e montar lego, como ele diz “montá pédio”.

Negrine, citando Vigotski, afirma que o autor:

[...] toma como partida a existência de uma relação entre um determinado nível de desenvolvimento e a capacidade potencial de aprendizagem. Defende a ideia de que, para verificar o nível de desenvolvimento da criança, temos que determinar pelo menos dois níveis de desenvolvimentos. O primeiro deles seria o nível de desenvolvimento efetivo, que se faz através dos testes que estabelecem a idade mental, isto é, aqueles que a criança é capaz de realizar por si mesmo; o segundo deles se constituiria na área de desenvolvimento potencial, que se refere a tudo aquilo que a criança é capaz de fazer com a ajuda dos demais, seja por imitação, demonstração, etc. O que a criança pode fazer hoje com a ajuda dos adultos ou dos iguais certamente fará amanhã sozinha. Isso significa que se pode examinar, não somente o que foi produzido por seu desenvolvimento, mas também o que se produziria durante o processo de maturação. (1994, p.25)

Relacionando esta citação com situações do cotidiano que vivemos, percebo que as crianças quando pequenas observam os adultos em sua volta, e logo tentam imitar algumas de suas ações como, por exemplo: jogar a bola, movimentos para dança usando os braços, entre outros, e depois disso, a criança tentara fazer sozinha o que presenciou. Sabemos também que esses seres pequeninos descobrem sozinhos movimentos que são capazes de conseguir realizar, a força que precisam ter para arremessar objetos, etc.

Nas brincadeiras coletivas (com crianças de um ano e pouquinho), tínhamos que separar as crianças maiores das menores, devido às habilidades de cada um. Com o grupo dos mais velhos tentamos realizar brincadeiras de roda como: roda cutia, ciranda-cirandinha, o ritmo da canção era mais lenta para que os mesmos conseguissem acompanhar, para andar em círculo mal apenas saíamos do lugar por eles não conhecerem a ordem que deviam seguir. Já com os “menores”, as brincadeiras eram mais sentadas, escondíamos os brinquedos dentro de caixas para que eles procurassem,

colocávamos objetos de seu desejo mais longe de onde estavam, assim, incentivando a gatinhar ou caminhar para buscá-lo. Nesta divisão de idade e tamanho, enquanto realizávamos as atividades o outro grupo de criança permanecia no berço com brinquedos individuais.

Atualmente, com essas mesmas crianças minhas colegas e eu estamos conseguindo desenvolver essas brincadeiras sem necessidade de dividi-los em grupos. Porque, suas habilidades motoras foram desenvolvidas consideravelmente. Em razão disso conseguimos brincar todos juntos, porém mantendo sempre o cuidado para que ninguém se machuque.

Segundo Oliveira (1996, p.43), aos dois anos,

[...] a criança já tem mais autonomia para explorar o ambiente, devido a seu grande desenvolvimento. Ela já anda, corre, salta... Já sabe explorar e brincar com objetos com suas mãozinhas sempre ativas e curiosas.

No brincar inserem-se importantes funções, capazes de auxiliar a criança no desenvolvimento, na aprendizagem e na interação como meio, sendo considerada uma característica do comportamento infantil, visto que a criança dedica a maior parte de seu tempo ao brincar. À medida que brinca, a criança se apropria saberes e desenvolve potencialidades, construindo interiormente o seu mundo. Ela aprende a agir, sua curiosidade é estimulada e adquire iniciativa e autoconfiança, o que proporciona seu desenvolvimento, por isso o brincar é considerado um dos meios mais propícios à construção de conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final desta monografia reiteramos o significado do brincar na vida da criança, pois, além de ser um direito regulamentado por lei, o brincar é para o sujeito infantil de qualquer parte do mundo imprescindível para seu desenvolvimento. Isto porque nas brincadeiras a criança desenvolve a criatividade e a imaginação através do faz-de-conta e trabalha o que tem de mais sério, de mais necessário, de mais vital: o seu desenvolvimento integral em interação com pessoas e o meio social e físico.

De acordo como nossos estudos, consolidamos que o espaço para o brincar das crianças necessita ser organizado para promover acesso à cultura, sendo um lugar rico em interações, materiais e instrumentos para estimular múltiplas vivências levando em consideração a forma como as crianças aprendem, a relação entre cognitivo e afetivo, a importância do exercício e apropriação das linguagens pelas crianças. Acreditamos que o professor deve saber observar e intervir a partir da lógica da atividade lúdica infantil, assim descobrirá explorações possíveis para obter melhor aproveitamento do brinquedo como mediador das aprendizagens.

O professor é o elemento que deve interpretar a concepção de mundo e os sonhos de vida da população escolar, bem como de seus condicionantes, adotando-os como ponto de partida o projeto pedagógico de sua escola. Acreditamos que deverá ser o mediador entre o sujeito e o objeto de conhecimento, se desejar promover autonomia moral e intelectual dos educandos. Defendemos que é preciso coragem para ousar, para enfrentar as essências que as brincadeiras nos oferecem e estimular sua utilização de acordo com os objetivos pretendidos, e ainda, estarmos preparados para intervir de acordo com a incerteza da resposta infantil.

Sabemos que as brincadeiras permitem liberdade de ação, pulsão interior, naturalidade, atitude e, conseqüentemente, prazer que é raramente encontrado em outras atividades escolares, devendo, assim, ser uma alternativa pedagógica a serviço do desenvolvimento integral da criança.

Brincando a criança tem a oportunidade de experimentar o objeto de conhecimento, explorá-lo, descobri-lo, criá-lo. Nos momentos de brincadeira a criança pode pensar livremente, pode ousar a imaginação, nesta hora é livre para criar, não tem

medo de errar, brinca com a possibilidade, a capacidade de lidar com símbolos, brincar e imaginar que um pedaço de pano é o que ele quer que seja.

Ressaltamos que os benefícios do brincar devem ser reforçados no meio escolar, pois como já mencionamos, a brincadeira facilita o aprendizado e ativa a criatividade, ou seja, contribui diretamente para a construção do conhecimento. Portanto os professores necessitam estar atentos para essa prática lúdica e aprimorar uma contextualização para as brincadeiras.

Não podemos nos esquecer de que a criança é considerada um sujeito histórico e de direitos e que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. A atividade da criança não se limita à passiva incorporação de elementos da cultura, mas ela afirma sua singularidade atribuindo sentidos a sua experiência através de diferentes linguagens, como meio para seu desenvolvimento em diversos aspectos (afetivos, cognitivos, motores e sociais). Assim, a criança busca compreender o mundo e a si mesma, testando de algumas formas as significações que constrói, modificando-as continuamente em cada interação, seja com outro ser humano, seja com objetos. Em outras palavras, a criança desde pequena não só se apropria de uma cultura, mas o faz de um modo próprio, construindo cultura por sua vez.

Através desta pesquisa sobre o desenvolvimento da criança, concluímos que o brincar é essencial a toda criança e acontecer em todas as fases de desenvolvimento. De nenhuma criança deve ser retirado o direito de brincar, pois é por meio dele que a criança elabora suas angústias, ansiedades, alegrias e, assim, compreende melhor o mundo que a cerca. Por isso é preciso aceitar o convite das crianças e da vida: vamos brincar?

REFERÊNCIAS

- ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman, 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, Ampliação do Ensino Fundamental de Nove Anos: 3º Relatório do Programa. Brasília, 2006.
- Estatuto da Criança e do Adolescente**, 2012. Disponível em: <https://www.tjsc.jus.br/infjuv/documentos/ECA_CEIJ/Estatuto%20da%20Crian%20e%20do%20Adolescente%20editado%20pela%20CEIJ-SC%20vers%20A3o%20digital.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2014.
- FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria: três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GUTTON, Philippe. **O brincar da criança: estudos sobre o desenvolvimento infantil**. Trad. Sônia Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- HEINKEL, Dagma. **O brincar e a aprendizagem na infância**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2000.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos infantis. O jogo, a criança e a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- KRAMER, Sônia. **Infância e educação infantil**. Campinas, SP: Papirus, 1999. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=eVUOFDsWHF0C&pg=PA244&lpg=PA244&dq=kramer+%281984,+p.+%29,+Falar+de+inf%C3%A2ncia+significa+considerar+a+crian%C3%A7a+como+um+ser+social,+sujeito+de+sua+pr%C3%B3pria+hist%C3%B3ria+e+produtora+de+cultura.&source=bl&ots=2f-SKAcIKR&sig=poZzZUF3r3fMTWHgB0T7Mzyhlyc&hl=pt-BR&sa=X&ei=hbh7VParBaW1sASYk4LADQ&ved=0CCEQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 30 de novembro de 2014.
- NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil: simbolismo e jogo**. Porto Alegre: Prodil, 1994.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes, [ET AL] **Creches: crianças, faz de conta e Cia**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SALLES, Fátima, FARIA, Vitória; **Currículo na educação infantil: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica**. São Paulo: Ática, 2012.
- VIGOTSKI, L. S. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. Trad. De Zoia Prestes. In: Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais,

2008. Disponível em: < <http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf>>. Acesso em: 17 de setembro de 2014.

VIGOTSKI, L. S., **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.